

Ensino in foco
Comentário ou artigo sobre ensino e pesquisa de saúde da criança e adolescente.

CARTA AOS JOVENS FORMANDOS*

LETTER TO THE YOUNG GRADUATES

Francisco José Costa Eleutério

Especialista em Ginecologia, Obstetrícia e em Ultrassonografia. Professor da Faculdade de Medicina da Universidade Estadual do Ceará. Coordenador da Clínica Obstétrica do Hospital Geral de Fortaleza da Secretaria de Saúde do Estado do Ceará. Fortaleza, CE.

Nascemos inteiros, mas não prontos: necessitamos de família, escola, igreja, universidade e vamos pela vida afora em incessante busca pelo saber. Vocês, meus queridos filhos, permitam-me o mimo, serão a partir de agora, mestres na arte de cuidar do outro, ofertando a mão amiga, o ombro seguro, o abraço cálido e também a lágrima furtiva, que chamo de compaixão em gotas. Nenhuma oportunidade, nenhuma responsabilidade ou obrigação maior podem ser conferidas a um ser humano do que o tornar-se médico. Compartilhar o universo do outro, em sua totalidade, é quase divino. Ao assistir pessoas que sofrem, o médico precisa ter habilidade técnica, conhecimento científico e compreensão humana. Tato, sensibilidade e compaixão é o que se espera, portanto, do médico, pois o paciente não é uma mera coletânea de sinais e sintomas, funções desordenadas, órgãos lesionados e perturbações das emoções.

A dor sempre nos fará companhia, e o sofrimento é parte da vida. Junto ao nascer, crescer, amadurecer, envelhecer e morrer, interpõe-se, de leve, o sofrer, objeto familiar de nosso cotidiano médico. O aparato tecnológico reluzente não pode oferecer nem a compaixão, nem a empatia, nem a piedade que pode ofertar em mancheias, um médico humanitário, o curador que fomos e devemos ser sempre. Entender a complexidade humana exige que o médico saia do território da medicina e

adentre noutros mundos, como os da economia, sociologia e filosofia. Médico que só medicina sabe, nem medicina sabe. Isto é repetitivo, é banal, mas é verdadeiro. A atividade efetiva da medicina é meritória; no entanto, mais importante que ela é a vida e este velho mundo que juntos vamos transformando para melhor.

E o que dizer do mestre? Ah! Este deve ser tão somente uma Bíblia vivificada e não um mero reservatório de saberes científicos. O paciente é um ser humano com medos e esperanças, em busca de alívio, ajuda e conforto. A medicina é um amálgama de ciência e arte e, assim, se manifesta objetivamente, em vários tipos de profissionais. Alguns com muita ciência e pouca arte; outros com muita arte e pouca ciência, mas alguns havendo que aliam boa ciência e boa arte. Não é médico verdadeiro aquele que não gosta de um seu semelhante.

Pensem nisto, caros amigos: Nada que faz pequeno aos demais, me engrandece. Se somente eu me sinto bem com o que faço... algo falta em meu trabalho. Se aqueles que consulto se sentem bem, porém eu não... alguma coisa anda errada. Se ambos estamos aprendendo algo novo cada vez, encontramos-nos em equilíbrio e a tarefa é saudável para os dois. Temos aí um ganha-ganha: médico e paciente.

Isto é o viver para o outro. Isto é o viver para a medicina. Conta-se de um milionário em visita a um leprosário dirigido por Madre Tereza de Calcutá, que comentou: “*Nem por uma fortuna eu faria um trabalho destes; ao que a mesma retrucou: Nem eu*”. No idioma de Cervantes diz - se que o relacionamento médico – paciente deve ter calidad y calidez, ou seja, qualidade e calor humano.

Vivemos, neste século XXI, grave crise no exercício da medicina. A despeito do grande avanço tecnológico alcançado, os resultados obtidos não foram os esperados. Corporações as mais diversas que se interpõem no relacionamento médico-paciente promovem graves danos à saúde da população como um todo. Uma visão equivocada de ênfase na doença e com parco investimento em saúde preventiva. Observa-se o desprestígio inaceitável destas corporações gerenciadoras de saúde, das indústrias farmacêuticas e as de materiais médicos, decorrentes da preocupação destas, priorizando não a saúde, como deveria ser, e sim gozosa satisfação dos cotistas no final do exercício anual. Vemos despontar, então, inebriante e falso, o vilão de sempre – o dinheiro - o tal que ergue e destrói coisas belas.

Cumpre, pois, àqueles que amamos a sublime arte da cura terçar armas com fins de restabelecer o primado da medicina humanística, como faziam os nossos mestres greco – romanos de antanho – Asclépios, Hipócrates, Empédocles, Galeno e Celso. É ledor engano pensar que isto é saudosismo ou mera ilusão. Em seus primórdios, a medicina, a religião, a filosofia e a poesia, bebiam no mesmo cadinho. Parte integrante do currículo antes de se chegar à universidade, na Idade Média, prevalecia o ensino das artes liberais. Assim tínhamos o trivium – a retórica, a lógica e a gramática - e o quadrivium – a aritmética, a astronomia, a geometria e a música. Na universidade, a opção forçosamente era estudar direito, teologia ou medicina.

A separação corpo-mente oriunda da visão cartesiana do século XVI bem como a pulverização

do saber retiraram do médico a capacidade de lidar com o ser humano, em sua integralidade. Surgiram, assim, os super-especialistas que sabem muito, de muito pouco. Imagine alguém pondo no dedo um falso brilhante. O resultado é idêntico. Perde o paciente, perde a medicina e perdemos todos nós. Que pena!

Já é hora, antes que seja tarde, de reinserir em nossos trabalhos o holismo e a transdisciplinaridade, onde a soma das partes é maior que o todo. Poetas sempre pontuaram no universo imaginário dos médicos. Creio que a razão seja porque os poetas, as crianças e os loucos possuem o dom mágico de não levar a vida tão a sério. Manoel de Barros, o mago poeta pantaneiro, define a poesia como a infância da língua. E diz mais: “*Sei que meus desenhos verbais nada significam, mas se o nada desaparecer a poesia acaba. E sobre o nada eu tenho profundidades*”.

Tenhamos nós, pois, as profundidades dos nadas da ciência e da arte de cuidar em nosso dia-a-dia. Retirem uma pequena parte de seu precioso tempo, meus caros, para passear em áreas como literatura, teatro, cinema e música, que juntos perfazem a medicina da alma. Leon Tolstoi, Fiodor Dostoievski, Jorge Luis Borges, Machado de Assis, Eça de Queirós, Cecília Meireles, Cora Coralina e Guimarães Rosa, por exemplo, têm muito a nos dizer sobre as infinitas mazelas do corpo e da alma, tal qual encontramos nos verdadeiros tratados de medicina.

Não vamos aqui lastimar os baixos salários, as precárias condições de trabalho, o parco tempo de lazer que nos subtraíram. Isso é por demais sabido, mas:

Por que antes éramos doutores e agora somos tão somente prestadores de serviços de saúde?

Por que antes tínhamos clientes e agora temos apenas usuários das diversas corporações de saúde?

Por que antes tínhamos consultas e agora temos tão somente uma frugal prestação de serviços?

* Baseado na aula da saudade aos formandos da UECE, turma 2010.

Por que antes instituíamos tratamentos médicos e agora apenas realizamos procedimentos liberados após exaustivas perícias, por entidades mediadoras de saúde?

Por que antes sabíamos ser médicos e agora nem sequer sabemos quem somos? O que nos resta, então?

Resta a utopia, resta o amor ao próximo, resta o desejo de servir, resta a vocação de ser médico. Oscar Wilde pondera com razão: *“Um mapa do mundo que não inclua a utopia não é digno de ser consultado. Ele ignora o único território que a humanidade sempre atraca, para depois partir de novo em busca de terras ainda melhores”*. Há que guardar sempre na memória o quixote de Montes Claros, Darcy Ribeiro, que proclamava aos ventos: *“Na vida podemos adotar duas atitudes: a indignação e a conformação, e eu não vou me conformar, nunca!”*.

Um recente episódio, amplamente divulgado pela mídia, nos dá alento para acreditarmos ainda na salvação do gênero humano. Dom Edmilson Cruz, Bispo de Limoeiro no Ceará, recusou comenda outorgada pelo senado da república com o nome de Dom Hélder Câmara. O motivo alegado da recusa: o desrespeito ao cidadão comum promovido pelos parlamentares, em Brasília, que reajustaram seus próprios salários em 61,8 %%. Destacou o corajoso bispo em sua fala: *“A comenda outorgada não representa a pessoa do cearense maior que foi Dom Helder Câmara. Não representa. Desfigura-a,*

porém. Sem ressentimentos e agindo por amor e respeito a todos os senhores e senhoras, por quem rezo todos os dias, só me resta uma atitude: recusá-la”. Coerência e lucidez, de um cidadão cearense de 86 anos que não perdeu a capacidade de indignar-se. Isto conforta a todos nós, peregrinos anônimos deste pedaço velho do mundo.

Vocês, caros formandos, e daqui a pouco, ilustres colegas, possuem a semente da esperança, a fibra dos fortes e o destemor dos sonhadores. E isto basta.

Meus filhos, chegamos ao final desta humilde saudação e aqui evoco uma vez mais, uma nobre figura humana, desta feita Miguel Torga, um português de Trás-os-Montes, poeta, romancista, contista, teatrólogo e médico, numa passagem de seus diários:

“Na minha longa vida de médico, só tive uma preocupação: entender o sofrimento alheio mesmo quando ele objetivamente me parecia injustificado. Não o julgar em caso algum uma fraqueza a reprovar, mas uma desgraça a remediar. E confessei mais que observei, vali-me mais do coração que da sabedoria. Enxaguei mais lágrimas que receitei. Fiz da esperança a grande arma do meu arsenal terapêutico. O amor ao próximo, que os discípulos oficiais de Cristo pregam de cor, é isto que a profissão diariamente me ensina: estar sempre disponível para acudir ao semelhante, de dia, de noite, a toda hora, com a mesma solicitude, a mesma paciência, a mesma compreensão”.

CORRESPONDÊNCIA:

Francisco José Costa Eleutério

E-mail: eleuteriogo@yahoo.com.br

Trajetória de um hospital

Relato do passado e presente do hospital com apresentação do perfil de atendimento.

**O HOSPITAL INFANTIL ALBERT SABIN QUE AJUDAMOS A CONSTRUIR
THE ALBERT SABIN PEDIATRIC HOSPITAL WE HELPED TO BUILD**

Ana Lúcia Araújo Nocrato

Médica Pediatra. Mestre em Administração. Professora Assistente do Centro de Pós-Graduação da Faculdade de Administração Hospitalar da Universidade de Ribeirão Preto. São Paulo, SP. Especialista em Administração Hospitalar. Diretora Técnica do Hospital Dr. Carlos Alberto Studart Gomes. Fortaleza, CE.

“Os sonhos são como uma bússola, indicando os caminhos que seguiremos e as metas que queremos alcançar. São eles que nos impulsionam, nos fortalecem e nos permitem crescer. “
(Augusto Cury)

A convite da Dra. Anamaria Cavalcante e Silva, eleita Diretora Geral, participamos, em 1987, da Equipe de Gestão do Hospital Infantil Albert Sabin (HIAS). Estávamos no Governo das Mudanças do então governador Tasso Jereissati. Naquele momento, o nosso maior desafio era dar nova roupagem ao clima organizacional da casa. Fazia-se necessário recuperar a autoestima dos servidores, a resolubilidade para o usuário, a humanização do Hospital. Para tanto, far-se-ia necessário a prática de um plano sustentado, contínuo, complexo, permanente, evolutivo, multiforme, em que estivessem em cena os diversos níveis de responsabilidade a serem coordenados.

Estávamos conscientes de que a humanização não resultaria apenas da aplicação de recursos materiais, mas de atitudes. O paciente não estava a necessitar somente de equipamentos, mas, sobretudo, de comunicação humana. Considerando, pois, a humanização como *“algo que se percebe, que se sente, tanto presente como ausente, mas que é difícil de traduzir*

em palavras”, entendíamos que a meta era a busca constante de harmonia e relacionamento, caminhar com qualidade em direção ao outro, harmonizar a equipe consigo mesma e com os gestores, visando sempre ao atendimento integral do paciente. Carecia conhecer cada objetivo esquadrinhado, os processos e metas - como poderiam ser atingidos.

Convictas de que *“Os sonhos trazem saúde para a emoção”*, permitimo-nos sonhar. Para a concretização desses ideais, algumas providências exigiam pressa da gente. Exemplo: a adoção de uma gestão focada em uma visão futurista, ancorada nos princípios da Qualidade e da Humanização dos serviços. Urgia alinhar os nossos objetivos aos da Instituição, motivados pelo orgulho de usar publicamente o crachá da instituição. Fazia-se necessário ressaltar o sentimento de ser conhecido, reconhecido e querido pelo público. Como prioridade, a capacitação holística dos liderados. E daí partir para a implementação da Residência Médica em Pediatria e especialidades afins.